

EDITORIAL

Depois de 6 meses de tentativa, em janeiro de 2024 conseguimos concluir o registro de nova diretoria vigente, mesmo que nada tenha sido mudado, no Cartório do 1º Ofício. A Assembleia para eleição 2023-2025, diante da dificuldade explicada pelos candidatos à nova Diretoria, de compor os Conselhos e a própria Diretoria, decidiu mudar os estatutos propondo composição com número menor de membros. Será iniciado, agora, o mesmo processo, no mesmo cartório para a mudança dos Estatutos aprovada na Reunião de Assembleia realizada em 31 de Março de 2024. Neste jornal informamos sobre o reencontro de amigos conquistados, japoneses, publicamos a colaboração do neo-admitido Sócio Correspondente Antônio Miguel Santos e expressamos o contentamento de a ACBJ-BA ter-se enriquecido com admissão de 5 jovens novos membros. dentre os quais 2 Jovens Aprendizes. Saudamos os leitores, desejamos a todos um ano de paz, felicidade e proveitosa atividade.

Ogvalda Devay Torres

VALOROSAS NIPODESCENDENTES NA BAHIA

A ACBJ-BA homenageia 2 personalidades admiráveis que muito colaboram para a cultura japonesa na Bahia, no Nordeste brasileiro, e podemos dizer, no Brasil, São elas ISÂNGELA GOTE KAWANO a quem tratamos por LIKA, e MIRIAM MIDORI NISHIMURA SUNANO

LIKA



MIRIAN



Nasceram ambas no mesmo ano (1964), e em datas bem próximas (27/02 e 5/03); são primas, têm um talento artístico louvável, possuidoras de vozes admiráveis, encantam quando cantam, e o fazem, muito, em dupla. Assumem posição de liderança na difusão da cultura japonesa no Brasil, e, especialmente na Bahia, onde organizam, anualmente, o Festival de Cultura Japonesa ao lado da equipe de trabalho. Lika está Presidente da Federação Nipo-brasileira da Bahia, Vice-Presidente da Associação Cultural Nipo-brasileira de Salvador e 1ª Secretária da Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia (ACBJ-BA). Miriam é Presidente do Departamento Feminino e Tesoureira da ANISA; Os Nipo descendentes amigos das aniversariantes organizaram uma linda homenagem de parabéns no Espaço Xisto Bahia, um belíssimo show beneficente com múltiplas artes japonesas. em 15 de março. A ACBJ-BA aplaude o dinamismo e a capacidade de trabalho das aniversariantes.

A Bahia sentiu-se honrada com a importante visita do Exmo. Embaixador do Japão

Diplomata TEIJI HAYASHI

Em 19 de março a Associação Cultural Nippo-Brasileira de Salvador recebeu a honrosa visita do Exmo. Embaixador do Japão no Brasil, Diplomata TEIJI HAYASHI, acompanhado de sua comitiva. Desejou conversar com todos os representantes da cultura japonesa em Salvador. A ACBJ-BA, presente, além de estar presente e atender ao chamado, ofereceu 2 dos livros editados pela ACBJ-BA (As Múltiplas Faces do Japão e Singulares Relações Nipo Baianas) que registram as atividades realizadas, e, posteriormente enviou ao Secretário 3, presente na comitiva, o Relatório de Atividades de 2023.



*Em 15 de março foi lançado o livro **RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE** o relegere e o religare em família pelo grupo de pesquisa FABEP da UCSAL.*





Passando um mês no Japão, em 2024



Gildemar Carneiro dos Santos

Desde que voltei dos estudos no Japão, em 1993, retornei lá em 2000, 2012 e agora em 2024, por coincidência todos os anos do dragão. Em 2024 fui principalmente para fazer companhia à minha mulher, Érika (Eriko Sato) que foi visitar os parentes, e passamos praticamente todo o mês de fevereiro lá, hospedados na casa da irmã dela, Midori. É uma viagem longa, mais de 30 horas de viagem, e escolhemos intervalos bastante longos entre as conexões, pois não temos mais idade para viagens com emoção, correndo pelo aeroporto por causa de atrasos de voo. As passagens foram compradas com partida e chegada em São Paulo, e as passagens Salvador-São Paulo foram compradas à parte. Assim ficamos quase três dias no apartamento de nossa filha Shai, que trabalha em São Paulo, tanto na ida quanto na volta, nos brindando com um tempo para descanso da longa viagem.

Saímos de Guarulhos às 18:45 do dia 30 de janeiro, terça-feira, e chegamos no aeroporto de Nagoya às 07:05 do dia primeiro de fevereiro, quinta-feira. Tudo isso no horário do Brasil. Foram onze horas e meia de São Paulo até Frankfurt, e quase 13 horas de Frankfurt até Tóquio. O nosso companheiro de viagem era um argentino de Bariloche, que cozinhava num restaurante francês na Suíça. Falei a ele, orgulhoso, que estava aprendendo a fazer café e ele riu muito! Usamos meias de compressão, para evitar trombose ou inchamento dos pés. O cara da alfândega de Frankfurt estranhou as marcas que apareciam nas minhas pernas pelo raio X, e mostrei que eram as dobras das meias de compressão.

O que primeira chama a atenção é a diferença no ar-condicionado, extremamente frio, no Brasil, e bem equilibrado na Alemanha e no Japão. Nas idas anteriores me emocionei mais, vendo aquelas casas bonitinhas, bem diferentes da nossa, como se estivesse comprovando que aquele sonho que eu tinha vivido existia realmente. Mas nessa terceira vez me senti mais acostumado. Os carrinhos de bagagem todos funcionando sem que as rodas emperrassem, esteiras rolantes para os longos percursos pelos corredores compridos dos aeroportos, tudo muito bem-sinalizado e funcionando bem.

Dia sim, dia não Midori e o marido, Kobayashi, saíam para passear com os cachorros nas manhãs frias (cerca de 4 graus), e nós íamos juntos. Eram mais de 45 minutos num passo rápido, pelo amplo parque que tem na cidade de Tokai, ao sul de Nagoya. Apesar de ser um país mais de vinte vezes menor que o Brasil, no Japão as coisas são bastante amplas. As escolas públicas têm uma ampla área para a prática de esporte, os aeroportos são imensos, parques muito bem arborizados em várias partes das cidades. As faixas por onde os automóveis correm também são bem mais amplas que aqui, e nos estacionamentos há faixas de quase meio metro separando os carros entre si. Quando uma faixa de automóveis vai desaparecer, vários avisos aparecem desde uns 500 metros antes. Aqui em Salvador elas simplesmente somem. Grandes muros protegem as cidades do barulho das rodovias.

Fomos visitar Kamaishi, a cidade onde Érika nasceu, na província de Iwate, ao norte do Japão. Compramos o JR pass, que permite tomar praticamente todos os trens pelo Japão, exceto o Shinkansen Nozomi e uns poucos, por um determinado prazo (sete dias, no nosso caso). Assim que partimos de Tóquio, as cidades apareciam cobertas de neve. Pensei que em Kamaishi, mais ao norte, fosse ter tanta neve que não conseguiríamos andar, mas na verdade foi apenas uma nevasca que atingiu a região de Tóquio assim que partimos.

Kamaishi foi a primeira cidade do Japão a produzir ferro, e lá tem o Museu do Ferro, muito bonito e moderno. O pai e o cunhado de Érika trabalharam na Shinnitetsu, empresa que produz ferro, e foi por intermédio dessa empresa que eles se deslocaram de Kamaishi para Tokai, ao sul de Nagoya. Como o ferro japonês não era suficiente para o país, o governo japonês se uniu com o brasileiro para a fundação da Usiminas, a maior siderúrgica brasileira. Kamaishi foi uma das cidades atingida pelo grande tsunamí (acentue a última sílaba) de 2011, e por isso construíram lá o maior dique do mundo, mais alto que um prédio de 17 andares, para proteger a cidade de novas casualidades.

Seguimos então para Yokohama, onde encontramos o querido casal Kobayashi. Takeshi Kobayashi é um violinista de concerto, que veio duas vezes ao Brasil convidado pela Associação Cultural Brasil Japão do Estado da Bahia (ACBJ-Ba) e deu aulas aos membros do Neojibá, usando o método Suzuki. Sempre que vamos ao Japão somos tratados por eles com um mimo indescritível. Akiyo, a esposa também violinista, nos serve comidas deliciosas ao longo da tarde e da noite, e Takeshi está sempre querendo nos oferecer tudo o que tem em casa





Yasuhiro Ozeki, que era muito meu amigo quando estudei na Universidade de Nagoya e agora é professor na Universidade de Yokohama, dedicou uma noite para nos alegrar. Graças ao convívio que ele teve com os estudantes estrangeiros, agora promove intercâmbio cultural com vários estudantes do sudeste asiático, no seu trabalho de pesquisa sobre o DNA de moluscos.

Masaru Kasugai, que mora em Saitama, trouxe toda a família para nos visitar em Yokohama. Ele trabalhava na Bridgestone em Salvador, e a esposa, Atsuko, enriquecia muito o som da nossa orquestra amadora, o Ateneu Musical, com o seu contrabaixo. Traziam sempre os filhos gêmeos, Akira e Hiroshi, então com cerca de 6 anos. Agora Akira estuda Medicina e Hiroshi estuda Engenharia

Mecânica. Nos levaram para almoçar na China Town de Yokohama, mas a fila era tão grande que tivemos que buscar outra opção. Brinquei que parecia país comunista, com o povo fazendo fila para comer. Os restaurantes de Yokohama são muito famosos. É a segunda maior cidade do Japão.

Retornando a Tokai, reencontrei com mais amigos dos meus tempos de estudante: Naomi, americana socióloga, casada com um japonês, e Lijiê, médico chinês que nos seus tempos de estudante me apresentou a Érika. Nos reunimos na casa bonita de Naomi, onde fomos apresentados a muita gente maravilhosa, com direito a piano a quatro mãos, flauta doce e cantoria.

Ainda fomos duas vezes a Quioto: a primeira vez para ver a apresentação de Yuji Kobayashi, um matemático que trabalha na mesma linha de pesquisa que eu (relacionado a números hipercomplexos). Ele nos presenteou com três artigos e, para Érika, um livro de sudoku, todos de autoria dele. Junto com o violinista Kobayashi de Yokohama, e o Kobayashi cunhado de Érika de Tokai, foi o terceiro Kobayashi da viagem. Interessante que Kobayashi nem é o sobrenome mais comum do Japão. Os sobrenomes mais comuns são Suzuki e Sato (como Érika). Lá sentimos um breve terremoto, quando estávamos numa cafeteria. Parecia que alguém tinha puxado minha cadeira com força e depois colocado de volta, ao mesmo tempo que um som surdo bem forte se ouvia. Certamente o rufar das portas se batendo. Todos comentaram “Jishin!” (terremoto), com a naturalidade de quem sente um pelo menos uma vez a cada seis meses. A segunda ida a Quioto foi numa excursão durante todo o dia, e essa excursão foi mais um entre tantos outros presentes que recebemos de Midori e Kobayashi, irmã e cunhado de Érika. Aliás o cunhado de Érika é natural de Quioto, e se criou entre os famosos templos da cidade. Almoçamos caranguejos, uma das iguarias mais caras do país, e visitamos o belíssimo templo dos mil Toriis.

No retorno fizemos escala em Munique. São 14 horas e meia de voo de Tóquio a Munique, mas, devido à forte ventania em Tóquio, o voo atrasou três horas e perdemos a conexão para Frankfurt. Foi pensando nesses imprevistos que escolhemos voos com longa espera. O pessoal da Lufthansa escreveu num papel quais seriam os novos voos que nós deveríamos tomar e quais os portões. Em vez de Frankfurt-Guarulhos, iríamos até Zurique, na Suíça, para de lá partir para o Brasil. Graças a Érika, que sacou que seria melhor perguntar o que fazer aos comissários de bordo já dentro do avião, fomos os primeiros a chegar no portão do voo para Zurique. De Zurique foram mais 12 horas de voo até Guarulhos. Partimos de Nagoya na segunda, dia 26 de fevereiro, às 19:20, horário do Brasil, pernoitamos num hotel no aeroporto de Haneda, em Tóquio, com vista para o Monte, partimos mais ou menos às 13 horas do dia 27, terça-feira, e chegamos em Guarulhos no dia vinte e nove, quinta-feira, às 5:40 da manhã. Dessa vez não usei as meias compressoras. Érika usou umas menos agressivas que comprou no Japão, e deixei para usar as minhas na viagem de São Paulo para Salvador, o que me fez chegar sem os pés inchados.

Devido à guerra da Ucrânia o voo não usou o espaço aéreo russo: foi pelo antigo Caminho da Seda, Turquia, Quirguistão, Mongólia, e voltou pelo norte do Canadá, descendo depois da Groenlândia. Depois de passar pelos aeroportos do Japão, Alemanha e Suíça, senti que o aeroporto de Guarulhos precisa de uma reforma completa. Nenhuma das quatro portas de um banheiro se fechava, sempre tinha peças quebradas largadas atrás do vaso, funcionárias do Duty Free orientavam os passageiros que direção tomar para pegar as bagagens, pois os avisos somem no meio do caminho. Afinal, o aeroporto é a imagem inicial do país, precisa ser mais bem cuidado.

Por fim, a viagem foi mais um sonho, um longo período cheio de momentos intensamente felizes. Levei o computador e esperava passar o mês fazendo contas e tocando flauta doce nos intervalos, enquanto a irmã e o cunhado de Érika cuidavam das flores e horta. Mas tive uma agenda intensa, cheia de compromissos agradáveis, e, se recebi muito carinho de todos os amigos que vieram nos ver, nos faltou encontrar ainda muita gente que também mora no fundo do nosso coração.

UM ARQUITECTO DE TRÊS CONTINENTES

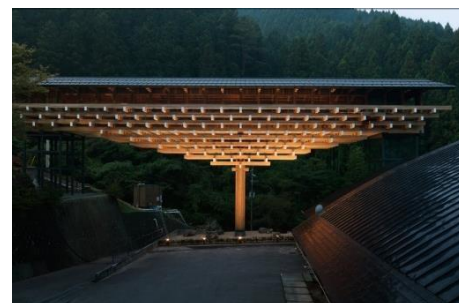
Por António Miguel Santos



Este artigo pretende abordar a importância da Arquitectura como elemento estrutural que pode ligar diferentes povos e culturas. Nesse sentido, pretende-se referir, um pouco a vida e obra do Arquitecto nipónico, Kengo Kuma, galardoado com um Prémio Pritzker, como reconhecimento pelo trabalho desenvolvido ao longo de décadas. Nasceu a 8 de agosto de 1954 em Yokohama e é considerado atualmente um dos mais relevantes Arquitectos Japoneses da atualidade em que procura reinterpretar elementos tradicionais da Arquitectura Japonesa com inovações no uso de materiais naturais e em novas formas de reflectir sobre a relação da luz com o espaço.

Os seus estudos iniciaram-se na Universidade de Tóquio e posteriormente prosseguiu na Universidade de Columbia nos Estados Unidos da América para aprofundar os conhecimentos na área da Arquitectura.

Entre os prémios que lhe foram atribuídos ao longo da sua carreira, incluem-se nomeadamente: the Architectural Institute of Japan em 1997, the Spirit of Nature Wood Architecture Award, atribuído pela Finlândia no ano de 2002 e o título de Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres della Repubblica Franceses no ano de 2009, o que nos permite ter uma noção do reconhecimento do seu trabalho nas mais diversas geografias. No Japão, tem um conjunto de obras que são exaltadas graças a sua elegância e beleza, sendo a que teve, muito provavelmente, maior conhecimento a nível mundial foi o Estádio Olímpico de Tóquio em 2020. Em baixo podem observar uma das obras mais apreciadas no Japão, a Yushuhara Wooden Bridge Museum.



Fonte: Yushuhara Wooden Bridge Museum

No Brasil, muito provavelmente, a sua obra arquitectónica mais icónica, é o Pavilhão Japonês de São Paulo, ou Japan House São Paulo, constitui o primeiro exemplo da “Japan House Project” que visa divulgar e exaltar diversos aspectos da cultura japonesa a nível internacional. O local onde se localiza este edifício, teve anteriormente uma distinta funcionalidade, porque serviu para uma instituição bancária, mas que posteriormente foi reconvertido para a atual função, sendo que atualmente o Pavilhão Japonês¹ inclui nas suas instalações, um Museu, uma Sala de Palestras, Biblioteca, loja e restaurante e constitui igualmente um ponto turístico da cidade de São Paulo, permitindo desta forma atrair novos públicos a uma cidade que mais tradicionalmente é mais associada a ser um centro de negócios.

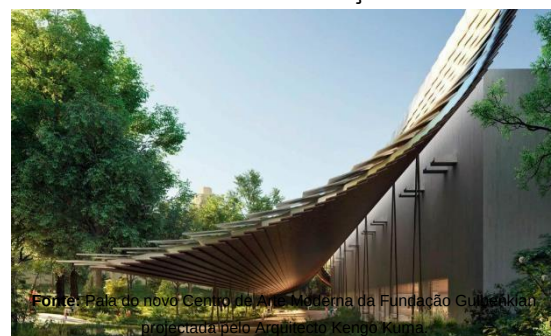


Fonte: Interior do Pavilhão Japonês de São Paulo.

Em complementaridade com a sua obra de Arquitectura, Kengo Kuma, redigiu várias publicações, entre as quais se inclui a obra: “Anti-object: The Dissolution and Disintegration of Architecture” publicado em 2008 refere que é necessário: “estabelecer uma relação saudável com o mundo exterior”. Nesse sentido, para dar forma a estas palavras, o novo edifício do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, localizado no centro da cidade de Lisboa, uma área densamente urbanizada, pretende ser uma simbiose entre Arquitectura e Natureza, de forma a proporcionar aos diversos visitantes, uma fruição de paz, calma e harmonia, no seio da capital portuguesa. Este novo edifício, que irá marcar a cidade de Lisboa, será inaugurado no próximo dia 20 de setembro de 2024 e está a originar elevadas expectativas entre todos os que habitualmente visitam a Fundação Gulbenkian².

Adicionalmente, a este trabalho, este Arquitecto, será o primeiro não português a realizar um Pavilhão de Portugal para uma Exposição Mundial, mais concretamente a Expo 2025 que irá decorrer entre 13 de abril e 13 de outubro, na cidade de Osaka, no Japão.

Se analisarmos a data em que termina a Exposição Mundial de 2025 é mais um elemento que une os três países, porque é o dia da última aparição de Nossa Senhora de Fátima, uma data simbólica muito relevante e que é celebrada em Portugal, no Brasil e no Japão.



Fonte: Para do novo Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, projectada pelo Arquitecto Kengo Kuma

¹ Para se obter um maior conhecimento sobre a atividade cultural e as diversas iniciativas desenvolvidas por esta instituição deve ser consultado o website oficial: <https://www.japanhousesp.com.br/>

² Para se conhecer a diversificada programação cultural desta instituição deve ser consultado o website oficial: <https://gulbenkian.pt/>

A VIRTUOSIDADE DAS CARMÉLIAS

Por António Miguel Santos



Existem múltiplos elementos que estabelecem laços entre o Continente Sul-Americano, a Ásia e a Europa, ou se preferirem, o Brasil, o Japão e Portugal. Entre eles, incluem-se os elementos relativos à Natureza que nos inspiram ao belo e harmonioso. No campo da Natureza, devemos realçar o papel que as Camélias desempenham em cada um destes recantos geográficos em que elevam a alma de cada pessoa com os seus encantos.

As Camélias que na língua japonesa, têm a designação de tsubaki. A sua origem remonta aos primórdios da Humanidade e têm origem no Sudeste Asiático, sendo que as evidências apontam que as primeiras Camélias surgiram no Japão oriundas da China, e desdeo início, usufruíram de uma grande popularidade em virtude de serem usualmente associadas como um símbolo de prosperidade. Ao longo do tempo, as Camélias incorporaram-se em diversos aspectos da cultura nipónica, designadamente na Cerimónia do Chá e na elaboração da arte Origami. A título exemplificativo a Camélia Vermelha é um símbolo de beleza, graça e de perseverança, em que induz a pessoa que a possui a enfrentar destemidamente as adversidades que lhe possam surgir na vida.

Existem inúmeros locais no Japão com diversas espécies de Camélias, sendo que um dos mais conhecidos é o Jardim das Camélias no Tokyo Metropolitan Oshima Park, cuja fundação remonta ao ano de 1938 e contém sensivelmente cinco mil árvores da espécie Camélia Japônica.

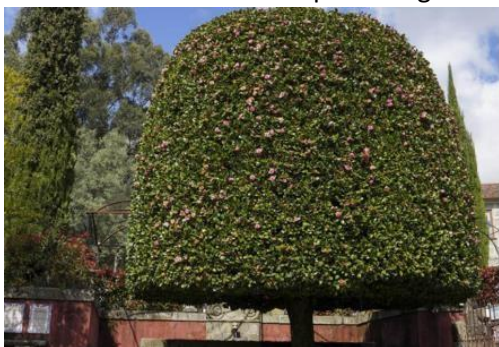


Fonte: Internacional Camellia Society.

Na Europa, e mais concretamente em Portugal, a cidade do Porto, é a primeira cidade do continente europeu a ser conhecida como “a Cidade das Camélias”. A título exemplificativo quando o poeta Giosuè Carducci visitou o rei Carlos Alberto da Sardenha, que se encontrava exilado na cidade do Porto, em 1849, designou esta cidade como: “um rio correndo entre camélias”. Ainda não existe uma certeza de quando terão chegado há Europa as primeiras camélias, mas os indícios documentais apontam para que tenham sido os descobridores portugueses que ao regressarem das suas viagens trouxeram estas plantas. De forma a demonstrar os exemplares mais antigos de Camélias existentes na Europa, o International Camellia Journal, uma publicação da International Camellia Society, publicou no ano de 2009 um artigo a referir as três camélias mais antigas localizadas na Europa, sendo que uma delas se situa na cidade de Vila Nova de Gaia, em frente ao Porto, na Quinta de Campo Belo e que está datada de finais do século XVIII. Uma das razões para ainda existir esta Camélia é o facto do clima do Norte de Portugal possuir as condições ideais para a sua aclimação.



Existe um concurso europeu designado “Tree of the Year” sendo que a Árvore que irá representar Portugal neste concurso, é uma Camélia-Japoneira, localizada na cidade de Guimarães, nos jardins centenários da Villa Margaridi, que com cerca de seis metros de altura, foi classificada de interesse público no ano de 2022.



No Brasil, a Camellia Japonica, tem uma distribuição geográfica por diversos Estados, nomeadamente: Nordeste, em Pernambuco; no Centro-Oeste, Distrito Federal; no Sudeste, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; no Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Onde quer que cada pessoa se encontre, o contemplar desta espécie proporciona um vislumbre do belo.



ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL JAPÃO DO ESTADO DA BAHIA

INFORMATIVO ACBJ-BA – Nº 109 – Janeiro a Março de 2024 pg.6

ACBJ-BA - ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL JAPÃO DO ESTADO DA BAHIA

Fundada em 15 de Outubro de 1986

Rua. Biguá, 201 1º andar

Bonfim - Salvador - Bahia

CEP: 40.415-310

Tel./Fax (71) 3336-5349

E-mail: ogvalda@gmail.com

Site: www.acbj-ba.com

Estatuto Registrado no Cartório do

Registro Civil de Pessoas Jurídicas

1º Ofício Nº 01758

CNPJ – 15.236.532./0001-08

Reconhecida de utilidade Pública pela

Lei Nº 6715 de 05/01/1995

Distinguida com o título de Honra ao

Mérito pelo governo japonês

em 10/08/1995

Agraciada com a Ordem do Mérito

Kasato Maru - 15 de agosto de 2008

DIRETORIA:

Presidente: Ogvalda Devay de Sousa
Tórres

Tesoureiro: Marcelo Naoto Shimizu

1ª Secretária: Isangela Gote Kawano
(LIKA)

2ª Secretário: Rafael Souza de Jesus

Diretor Cultural: Emílton Moreira Rosa

Diretora Social: Fusako Ishikawa Lariu

CONSELHO DELIBERATIVO:

Presidente: Eriko Sato

Vice-Presidente: Gildemar Carneiro
dos Santos

Secretário: Fábio Freitas

Demais Membros:

Loanyr Costa Oliveira

Izabel Ceres de Araújo Rosa

Clarissa Santana Petitinga

Nana Tazawa

Suplentes:

Marianna Ayumi Kawano

Clarissa Santana Petitinga

CONSELHO FISCAL:

Odecil Costa Oliveira

Maria Ângela Ornelas

Marina Pedreira Munne

Suplentes:

Marcos Tsuneo Shimizu

Marcos Roberto Santana

EDITORIAÇÃO:

Ogvalda Torres

Luca Devay Torres Do Nascimento

Email: lucadevay08@gmail.com

PÁGINA SOCIAL

ANIVERSARIANTES

JANEIRO:

04 - ERIKO SATO - Presidente do Conselho Deliberativo

04 - BIANCA ABREU DE ALMEIDA ARAUJO

10 - Antônio Miguel Santos

11 - Arthur Costa Scaldaferrri dos Santos

23 - ANNA BRUNHILDE MARIA DA SILVA LIRA

28 - GILDEMAR CARNEIRO DOS SANTOS - Vice-Presidente Conselho Deliberativo



FEVEREIRO:

11 - MARINA PEDREIRA MUNNE

16 - MÔNICA OLIVEIRA - Associada

16 - IZABEL CERES DE ARAÚJO ROSA - Membro do Conselho Deliberativo

23 - LOANYR COSTA DE OLIVEIRA - Membro do Conselho Deliberativo

27 - ISANGELA GOTE KAWANO (LIKA) - 1ª Secretária.

MARÇO:

04 - AÉCIO PETRÔNIO F. T. GOMES – Associado

04 - ALAN ALISSON DA FRANÇA MORENO

08 - OGVALDA DEVAY DE SOUSA TÔRRES – Presidente

14 - MARCOS POLINARIO ZANDA

15 – HIROAKI SANO - Cônsul Geral do Japão em Recife.

27 - LUAN SHIMIZU BARAÚNA – Associado

Em 28 de fevereiro, o Cônsul Geral do Japão em Recife, comemorou o aniversário natalício de Sua Majestade, o Imperador do Japão.



Sua Majestade, o Imperador do Japão, NARUHITO



Cônsul Geral do Japão, HIROAKI SANO



Presidente Ogvalda recebida pelo casal (Cônsul Geral do Japão em Recife e Consulesa)



Ogvalda e Odecil com membros do Consulado Geral do Japão e Recife